

HISTÓRIA DO BRASIL

Marcia Disitzer
marcia.disitzer@oglobo.com.br

Em muitos momentos, elas passaram despercebidas; em outros, foram silenciadas. O livro “Todas as mulheres dos presidentes” (Máquina de Livros), dos jornalistas Ciza Guedes e Murilo Fiuza de Melo, encerra essa invisibilidade. A publicação, que será lançada amanhã, às 19h, na Livraria da Travessa de Ipanema, coloca sob os holofotes a influência política e os dramas pessoais das 34 primeiras-damas do Brasil. “Existe vasta literatura sobre os presidentes, mas poucas pesquisas sobre elas”, diz Ciza, editora assistente da Primeira Página do Globo. A dupla partiu de uma imagem simbólica. “Na tela do pintor espanhol Gustavo Hastoy, que retrata a assinatura do projeto da primeira Constituição do Brasil, Mariana Cecília de Sousa Meireles, casada com Deodoro da Fonseca, é a única mulher, entre 18 homens, e a única que aparece de costas”, observa Murilo. Ao resgatar suas biografias, os autores as identificam com seus nomes de solteira e as deixam de frente para a História. A seguir, destaques da trajetória de algumas delas.

Anita Peçanha (1909 a 1910)
Mulher de Nilo Peçanha, até hoje o único presidente negro do Brasil, Anita Peçanha (1876-1960) era de uma importante família de Campos dos Goytacazes (RJ). “Já Nilo teve origem humilde”, conta Murilo. “Anita enfrentou forte preconceito racial. A família não foi ao casamento. A mãe morreu sem falar com a filha”, emenda o jornalista. “Nas fotos, ao contrário de outros casais, eles estão sempre ‘coladinhos’.”

Nair de Teffé (1913 a 1914)
Na primeira década do século XX, a aristocrata Nair de Teffé (1886-1981) foi a segunda mulher de Hermes da Fonseca. Caricaturista e de vanguarda, ela assinava seus trabalhos com o anagrama Rian. “Hermes ficou conhecido como um presidente de pouca inteligência, mas se casou com duas mulheres brilhantes, a feminista Orsina (Francione da Fonseca) e Nair”, diz Murilo. “Foi ela quem levou o maxixe ao Palácio do Catete. Não só o levou como executou o famoso ‘Corta-jaca’, de Chiquinha Gonzaga, ao violão, atitude que era considerada ‘depravada’ para uma ‘mulher de respeito’”, destaca Ciza.

Darcy Vargas (1930 a 1945/ 1951 a 1954)
A mulher de Getúlio Vargas foi quem mais tempo ocupou o posto de primeira-dama: 18 anos e 4 meses. Coube a Darcy Vargas (1895-1968) “dar novos contornos ao cargo”. “Até então, as primeiras-damas eram mulheres do lar. Em vez de tomarem conta da casa, cuidavam do palácio. Darcy organizou a questão da assistência social ao criar a

Legião Brasileira de Assistência (LBA), em 1942”, explica Murilo. Segundo os autores, os casos extraconjugais de Getúlio eram motivos de brigas. Mas a paixão do marido pela estonteante Aimée Sotto Mayor, casada com o chefe do Gabinete Civil do presidente, Luís Simões Lopes, fez o copo transbordar. “Foi aí que ela pediu a separação de quartos”, revela Ciza.

Sarah Kubitschek (1956 a 1961)
Ciza confessa ter ficado comovida com a trajetória de Sarah Kubitschek (1908-1996), a mulher do presidente bossa nova. “Eles fizeram tanto pelo Brasil e, no fim da vida, foram infelizes. Ele, inclusive, foi muito maltratado pela ditadura militar”, diz. Segundo ela, um dos méritos da mineira é ter sido autora das primei-

ras iniciativas de prevenção e tratamento do câncer ginecológico no país. Na esfera pessoal, ela era um pote até aqui de mágoas devido à infidelidade de Juscelino. “Assim como JK, diversos presidentes tiveram amantes durante anos”, lembra Murilo.

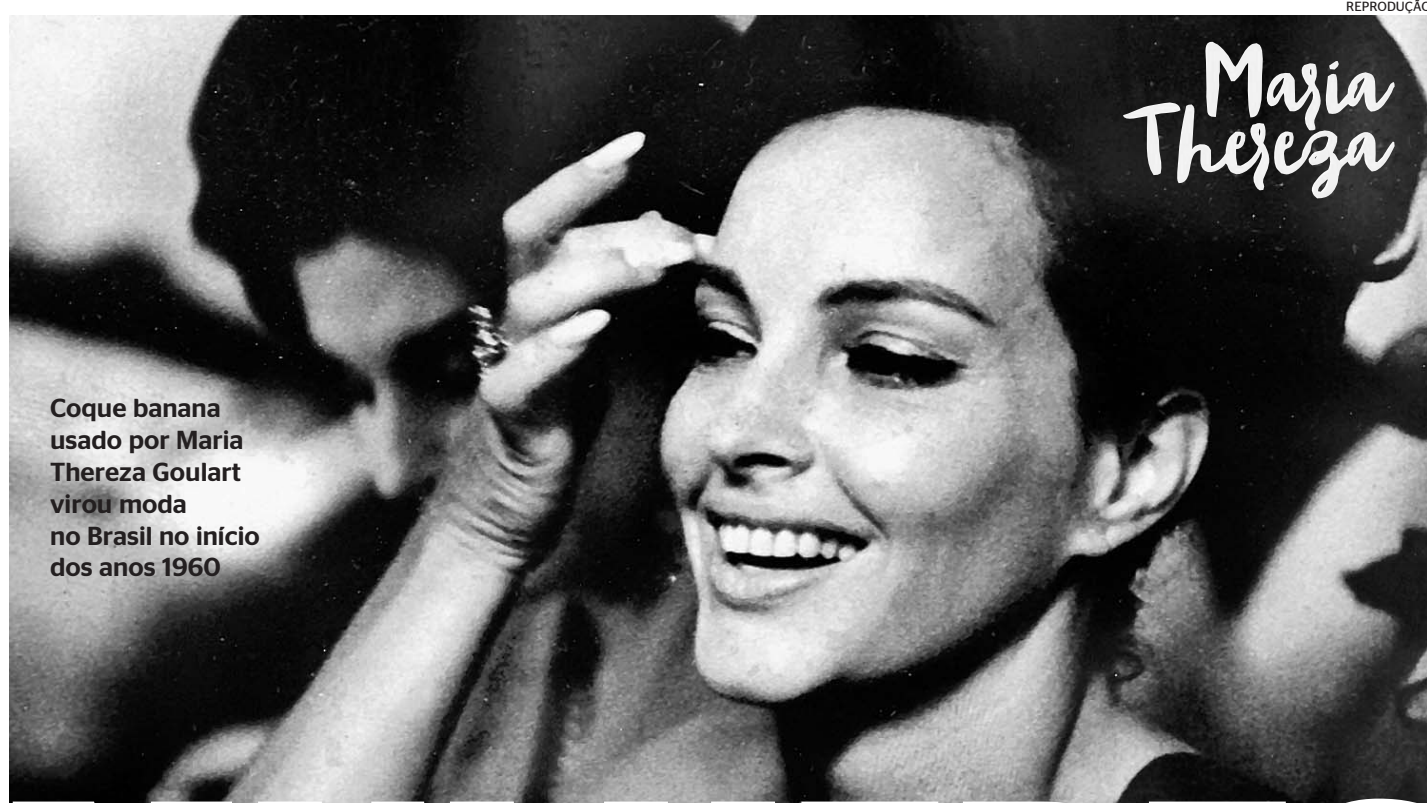
Maria Thereza Goulart (1961 a 1964)
Considerada a mais bonita entre as primeiras-damas brasileiras, a mulher de João Goulart lançou moda. Estampou capas de revistas nacionais e internacionais, “rivalizou” com a então primeira-dama dos Estados Unidos, Jacqueline Kennedy, e viu o penteado que usava, um coque banana, virar febre entre as fashionistas da época. Maria Thereza também teve um estilista para chamar de seu: ninguém me-

nos do que Dener Pamplona de Abreu, que suplicou à amiga que não vestisse marrom num dos momentos mais duros da trajetória do casal: o exílio, que durou 16 anos. “Dener foi muito bacana com a Maria Thereza, um dos poucos que ficaram ao seu lado”, lembra Ciza.

Rosane Collor (1990 a 1992)
Foi em sua festa de debutante que Rosane conheceu Fernando Collor de Mello. Dez anos depois da valsa, ela subiu a rampa ao lado dele. Representante da elite do sertão nordestino, como definem Ciza e Murilo, a alagoana tornou-se primeira-dama em 1990. “Já em Brasília, decidi ser presidente da LBA. Depois, foi acusada de falcatruas na instituição”, diz Murilo. Ciza lembra que o casamento de

22 anos terminou violentamente. “Ela relata em sua autobiografia ter sido deixada na rua da amargura. Collor trancou as casas com suas roupas e joias, inclusive as de família”, comenta o jornalista. “Ela enfrentou uma relação abusiva e está brigando com ele na Justiça. Porém, mesmo assim, Rosane, na eleição de 2018, adotou o sobrenome do ex-marido. Resultado: não foi eleita”, conclui Ciza.

Ruth Cardoso (1995 a 2002)
Das 34 primeiras-damas do Brasil, apenas três concluíram cursos superiores: Ruth Cardoso (1930-2008), Marcela Temer e Rosane Collor. “Mas Ruth foi a única que teve carreira independente e brilhante. Era feminista militante e resistiu muito a entrar na política tradicional”, diz Ciza sobre



Coque banana usado por Maria Thereza Goulart virou moda no Brasil no início dos anos 1960

MULHERES PRESENTES

LIVRO TIRA A INVISIBILIDADE DAS 34 PRIMEIRAS-DAMAS DO BRASIL E MOSTRA A INFLUÊNCIA FEMININA NOS RUMOS DO PAÍS



Nair de Teffé, Sarah Kubitschek e Ruth Cardoso: três mulheres de personalidade forte no cargo de primeira-dama

a mulher de Fernando Henrique Cardoso. O ativismo de Ruth não a impediu de se destacar em outros quesitos. “Ela também era excelente cozinheira e adorava cuidar dos filhos”, ressalta o jornalista. Ao tornar-se primeira-dama, não fez por menos: extinguiu a Legião Brasileira de Assistência (LBA) e criou o Programa Comunidade Solidária, em 1995. “Ruth transformou a área social em prioridade do governo”, explica Murilo. A paulista de Araquara formada em Filosofia nunca deu declarações sobre o romance extraconjugal de Fernando Henrique com a jornalista Miriam Dutra nem sobre o suposto filho do casal. “Ruth era extremamente discreta”, resume Ciza.

Marcela Temer (2016 a 2018)
A ex-modelo paulista de 1,72m casou-se com Michel Temer em 2003, aos 20 anos. A diferença de idade — mais de quatro décadas — não foi empecilho. Depois de casada, formou-se em Direito, mas não fez o exame da OAB. Preferiu cuidar do filho, Michelzinho, que nasceu em 2008. Ficou conhecida como “bela, recatada e do lar”, graças ao perfil publicado, em 2016, pela revista “Veja”, quando era ainda segunda-dama; como primeira-dama, mergulhou no lago do Palácio da Alvorada para salvar o cachorrinho Picoló. “Até pela juventude, ela poderia ter assumido posições progressistas e encampado a luta pelos direitos das mulheres”, analisa Murilo. “Mas Marcela representa exatamente a frase (‘bela, recatada e do lar’) com a qual ficou conhecida”.

Michelle Bolsonaro (2019)
O capítulo dedicado à atual primeira-dama do país retorna ao dia da posse do presidente Jair Bolsonaro, em 1º de janeiro de 2019. Mais precisamente ao seu discurso em libras, diante de uma multidão. Michelle Bolsonaro, além de ser a terceira mulher do presidente e mãe de sua única filha, Laura, é intérprete da linguagem dos surdos e mudos. Em seu perfil, disponível na internet, é possível ficar sabendo que ela passou a se dedicar à profissão por conta do tio Gilberto, surdo de nascimento. Mas o que mais chamou a atenção dos autores não foi a sua capacidade de comunicação e, sim, o seu silêncio. “Ela tem uma história familiar muito forte, uma avó condenada por tráfico de drogas. E, quando isso veio à tona, não disse uma palavra”, constata Murilo. ✕



Rosane Collor, Michelle Bolsonaro, Anita Peçanha, Marcela Temer e Darcy Vargas: trajetórias retratadas em livro. Acima à direita, os autores, Murilo Fiuza de Melo e Ciza Guedes